

13ª Mostra da Produção Universitária

Rio Grande/RS, Brasil, 14 a 17 de outubro de 2014.

MEMÓRIA IN VITRO: Resgate histórico por meio da conservação

MELLO, Guilherme
LENZI, Teresa
guilhermemello@furg.br

Evento: Congresso de Iniciação Científica
Área do conhecimento: Fotografia

Palavras-chave: Conservação, fotografia, memória e história.

1 INTRODUÇÃO

Memória in Vitro é um projeto, iniciando no ano de 1996, de recuperação e preservação de um conjunto de 235 negativos de vidro produzidos no século XIX. Em sua primeira edição teve como objetivo a conquista da guarda provisória dos negativos para fins de sua salvaguarda, bem como a execução dos procedimentos de higienização, inventário, catalogação, indexação, acondicionamento dos originais e reprodução digital do conjunto fotográfico recuperado. O presente relato discorre sobre a importância dos processos de conservação para a contemporaneidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Diz Simon Schama que “(...) o gesto organizador do artista apenas se transfere da mão no pincel para o dedo no obturador. E, nesse instante isolado de enquadramento, as velhas criaturas da cultura saem da toca, arrastando atrás de si as lembranças de gerações anteriores”. Uma foto é a representação objetiva do referente físico, e também a representação dos referentes subjetivos do fotógrafo e ao mesmo tempo do observador. Uma fotografia não se restringe àquilo que está explícito na superfície do papel ou da tela, porque uma fotografia é um dispositivo provocador de um extenso campo de pensamentos, sentimentos, e revelador de informações. Annateresa Fabris (1991, p. 9) afirma que fotografias 'nos falamos' não apenas daquilo que o homem viu e captou, mas 'do como ele viu'. Assim, podemos dizer que fotografias nos contam 'sobre o homem que viu as coisas', e sobre os valores sociais, culturais, ideológicos, espirituais e estéticos deste mesmo homem. Isto posto podemos dizer que a imagem fotográfica reveste-se de ambiguidades – ela mostra em sua superfície imagens de coisas que foram vistas por alguém de uma determinada maneira – condição que impede tanto que se lhe negue quanto coloque em dúvida sua autenticidade documental e histórica, e que também a faz complexa e intrigante. Assim se pode asseverar que fotografias são dispositivos provocativos que sempre suscitam indagações e aportam informações. Sua aparente nudez está estruturada em um sem fim de camadas informativas nem sempre tão visíveis. Preservar fotografias é importante, especialmente àquelas fotografias que foram feitas em períodos históricos distantes dos quais ainda desconhecemos detalhes. Ver fotografias significa também conhecer, pensar, associar, especular. O ato de ver uma fotografia não se esgota na primeira mirada, na primeira mirada damos início ao processo de ver que nos levará ao processo de olhar.

3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

O projeto deu-se por consultas bibliográficas técnicas, cursos de qualificação técnica no âmbito da conservação, catalogação e sistematização de acervos

13ª Mostra da Produção Universitária

Rio Grande/RS, Brasil, 14 a 17 de outubro de 2014.

fotográficos, práticas laboratoriais, assepsia das peças, arquivagem, reprodução digital, análise das fotografias e publicação de resultados.

4 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Para que servem ou podem servir arquivos fotográficos? Esta pergunta pode soar óbvia, porém, uma reflexão mais cautelosa evidencia o contrário. Arquivos e álbuns fotográficos em geral são utilizados desde muito tempo, na intimidade das famílias como dispositivos de memória e história. São também usados em áreas profissionais como dispositivos comprobatórios e fontes de pesquisa. Álbuns e arquivos fotográficos são palimpsestos infinitos! Aliás, cada unidade fotográfica é em sua imaterialidade conceitual, um palimpsesto infinito que precisa ser olhada capa por capa. Palimpsestos exigem o esforço de descobrir cada camada e isto por sua vez exige que o observador de fotos tenha consciência disto. Tal como entende Jean-Marie Schaeffer, é necessário que o observador de fotos tenha consciência do que é uma foto, do arché fotográfico, e isto precisa ser demonstrado. Uma foto é a representação objetiva do referente físico, mas é também a representação dos referentes subjetivos do fotógrafo e ao mesmo tempo do observador. Uma fotografia não se restringe àquilo que está explícito na superfície do papel ou da tela, porque uma fotografia é um dispositivo provocador de um extenso campo de pensamentos e sentimentos. Neste sentido é necessário compreender que arquivos tem 'ànima', alma, e que esta qualidade se encontra latente e precisa ser despertada pelos observadores e interlocutores que com ela interagem. Fotografias, ao serem animadas se transformam em recurso potentes para o conhecimento histórico e para a conscientização social, política, memorial e histórica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que, neste contexto, a conservação de fontes fotográficas primárias de natureza como a do acervo em questão, é condição sine qua non para processos de conhecimento e consolidação histórica, porque contribuem para que não percamos de vista nossas histórias e valores, garantindo assim permanência às bases de nossa cultura. Do contrário, por descaso ou inoperância, estaremos contribuindo, lenta e gradualmente para a diluição e desterritorialização da identidade coletiva, bem como contribuindo para o desconhecimento das matrizes culturais através das quais fomos e somos continuamente configurados, conhecimento este fundamental para o entendimento sobre o nosso lugar na contemporaneidade, e sobremaneira sobre os rumos que daremos à nossa existência.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN NATIONAL STANDARDS INSTITUTE. *American National Standard for Imaging Media - Photographic processed films, plates and papers - filing enclosures and storage containers - ANSIIT 9.2*. Nova York, 1991.
- BATESON, Gregory. *Mind and Nature. A Necessary Unity*. New York: Dutton, 1979, p. 21-2 in: SAMAIN, Etienne (org). *O Fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998, p. 11.
- FABRIS, Annateresa (org.). *Fotografia: usos e funções no séc. XIX*. São Paulo: EDUSP, 1991.
- SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: companhia das letras, 1996.